

5 — A Abstracção para além da forma

Sob a denominação genérica “A abstração para além da forma”, o quinto painel²⁰ tem como intervenientes Ana Margarida Rocha, Rui Serra e Daniel Sturgis, e como moderadores Marta Soares e Manuel Botelho. As questões da prática da pintura e da possibilidade da abstração atravessam diversamente as três comunicações e o debate que se lhes segue. De forma explícita ou subliminar, o tema está presente nos diversos momentos da sessão.

Há mais de um século que a abstração ocupa um lugar destacado no domínio da arte. Ao longo desse espaço de tempo muitas coisas mudam. Vale a pena lembrar o momento fundador em que pioneiros como Kandinsky, Malevich e Mondrian trocam a representação do mundo por um universo diferente, de formas autónomas, e a sua crença na dimensão espiritual da pintura “purificada”, abstrata, em que passam a empenhar-se. Anos mais tarde, o pensamento e a prática de artistas como Hans Hofmann abrem caminho à emergência da nova geração que, na década de 1950, parte de um conceito de pintura enquanto ação, reveladora de uma realidade interior. Pollock e Rothko contam-se entre os protagonistas desse período de intensa subjetividade. Os princípios defendidos por essa geração serão depois prolongados e, simultaneamente, negados pelos que se lhes seguem, entre os quais LeWitt e Judd, ou Stella, para quem, na obra de arte, “aquilo que vemos é [apenas...] aquilo que vemos”¹.

Apesar das mudanças sucessivas, até então tudo parece claro e organizado. Obras e autores vão sendo arrumados, sem grande confusão, em compartimentos devidamente identificados. Mas o que acontece de seguida vai questionar essa visão, talvez demasiado linear e simplista, da história. Quando os artistas passam a usar tudo o que está ao

seu alcance, com total desrespeito por normas e categorias de referência, a pintura abstrata perde em definitivo a sua alegada “pureza” e deixa-se contaminar pelo mundo em redor. Ao aprender (ou reaprender), outras lições, o tradicional léxico associado à abstração entra em diálogo com novos meios expressivos, com novos conceitos, objetos e imagens. É neste quadro de miscigenação, ou hibridismo, que se enquadram a prática artística e as comunicações dos três participantes no quinto tema de “And Painting?”.

A primeira intervenção do painel cabe a **Ana Margarida Rocha**, que apresenta o seu projeto *Aquatipia como pintura estratigráfica*, um trabalho pluridisciplinar que cruza a exploração de materiais e suportes diversificados (dos tradicionais materiais da pintura ao polipropileno, vidro ou poliéster) com um desejo de aludir de forma indireta à natureza, à estrutura variável da paisagem. A partir de um processo mediado de transferência da imagem com origem nas técnicas tradicionais de marmoreado, Ana Margarida testa, em muitos trabalhos, acumulações de cargas de tinta, transferidas a partir da superfície da água, utilizando processos pictóricos que oscilam entre o controlo e o acaso.

Numa comunicação intitulada *Foi a Luz*, **Rui Serra** apresenta de forma sucinta o seu projeto pictórico mais recente, componente nuclear do seu doutoramento, onde teoria e prática convergem numa multifacetada abordagem à relação entre arte e espiritualidade. Começa por contextualizar historicamente a tema, referindo em traços largos a sua genealogia, desde o mito de Plínio até à atualidade, para depois se centrar nos dois projetos pictóricos concretos integrados no doutoramento — *Vox e Dei* —, e no dispositivo espacial denominado *Foi a luz*, que os enquadra em termos expositivos. Neste momento charneira da sua carreira, Rui Serra efetua um desvio, afastando-se de linhas de trabalho anteriores em favor de opções de pendor abstratizante que pretende continuar a aprofundar.

Daniel Sturgis encerra as comunicações deste conjunto através de uma apresentação denominada *Reasonably Relaxed*, onde, a partir da sua dupla condição de artista e curador, discorre de forma fluida e articulada sobre questões essenciais à arte de hoje, em particular à pintura e à abstração. Utilizando exemplos da sua própria obra, nomeadamente as suas *Boulder Paintings*², ou projetos curatoriais específicos entre os quais *The indiscipline of Painting* (Tate St Ives, 2011-12), transmite-nos uma visão que enfatiza a necessidade de plena consciência do passado da pintura, em particular da linhagem modernista da abstração, para uma prática artística capaz de cruzar, de forma consequente, essas referências com as vias abertas pela contemporaneidade.

A última parte da sessão é preenchida por um debate moderado por Marta Soares e Manuel Botelho. Após uma breve contextualização do tema do painel e alguns comentários genéricos sobre o conjunto das comunicações por parte dos moderadores, os participantes tecem considerações complementares sobre a problemática atual da prática artística e da abstração. Daniel Sturgis refere novos aspetos relativos à sua dupla atividade de artista e curador; Rui Serra discorre sobre a importância da herança do passado histórico da arte

e da confrontação com autores de referência; Ana Margarida Rocha centra-se nas relações entre natureza e abstração. A sessão termina com uma ronda de comentários sobre a pintura enquanto campo aberto e as motivações que a podem impulsionar.

Manuel Botelho

- 1 No original: “*What you see is what you see*”. STELLA, Frank — Frank Stella and Donald Judd: Questions to Stella and Judd by Bruce Glaser. *Art News* 65, no. 5, September 1966, p. 55-61. In: STILES, Kristine; SELZ, Peter (eds.) — *Theories and Documents of Contemporary Art: a Sourcebook of Artists’ Writings*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1996, p. 121.
- 2 Não é possível uma tradução exata, mas o significado aproximado será “Pinturas de rochedos” ou “Pinturas rochedo”.